

II SELAC

Seminário de Literatura e Arte Contemporânea

Dias 22, 23 e 24 de maio de 2017 - FACALE / UFGD - Dourados (MS)

Realização: Grupo de Estudo InterArtes

e-ISSN: 2594-4681

O “MUNDO DO TEXTO” NA HERMENÊUTICA DE PAUL RICOEUR

Rafael Zanata Albertini (PPG-Mestrando em Psicologia/UCDB)
ra832240@ucdb.br

RESUMO: O filósofo francês Paul Ricoeur (1913-2005) baseia-se nas categorias da “aplicação” e da “fusão de horizontes” – características da hermenêutica de Hans-Georg Gadamer (1900-2002) – para propor o conceito de “apropriação”, que traduz o fato de uma obra literária ganhar sua plena significação por meio da leitura. Se a tese romântica de Dilthey e a tese psicologizante de Schleiermacher tinham como lei suprema da hermenêutica a apreensão da alma (intenção) do autor escondida num texto, Ricoeur compreende que todo texto é uma obra, ou seja, algo que ganha autonomia no distanciamento do mundo do autor. Disso decorre uma nova compreensão de hermenêutica como a teoria que opera a transição entre a estrutura do texto para o “mundo do texto”. O mundo do texto – que se abre não *atrás*, mas *diante* da obra – se apresenta, assim, como sua transcendência, isto é, a abertura da estrutura de um texto para fora (diversamente do que pensava o Estruturalismo) e para o outro, de modo que interpretar seja compreendido como o ato de desvendar esse mundo aberto pelo texto. No ato da leitura, a experiência temporal do texto se projeta sobre o mundo do leitor, oportunizando que os sentidos ali presentes sejam apropriados por quem a lê. Nesse contato com a alteridade do texto, indivíduos e grupos se *alteram* (tornam-se *alter*, outros) ao refigurar suas próprias experiências e ao atribuir sentidos aos acontecimentos, seguindo o modelo das narrativas que constituem sua herança cultural – permitindo, por exemplo, que se fale em um “mundo grego” ou em um “mundo cristão”. Diante dessas propostas de mundo que apresentam variações imaginativas de si mesmo, o leitor se “irrealiza” para poder apropriar-se de tais propostas, fazendo do interpretar um processo de assimilação que torna a subjetividade um projeto sempre inacabado – por isso, aliás, Ricoeur prefere o termo “si”, discípulo do texto, ao “eu”, soberano, para referir-se ao sujeito. Essas considerações estão presentes, sobretudo, nas obras “Teoria da interpretação” (1976) e “Tempo e narrativa III - O tempo narrado” (1985), que fazem da ideia de mundo do texto o ponto nodal da teoria da leitura, segundo a qual qualquer texto somente completa seu sentido na experiência do leitor.

Palavras-chaves: Paul Ricoeur; Hermenêutica; Mundo do texto; Teoria da leitura.